

EVENTO DE LANÇAMENTO
INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL (2014-2015)

O Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC) lançou o estudo *Investimentos chineses no Brasil (2014-2015)* em evento realizado em São Paulo, no dia 30 de novembro, com apoio da Apex-Brasil, revelando que o biênio concentrou US\$ 9,2 bilhões em investimentos chineses confirmados no País. É um incremento ante os US\$ 6,86 bilhões apontados pelo CEBC no biênio 2012-2013. O Conselho é a única entidade no Brasil a acompanhar o tema sistematicamente desde 2007, com metodologia própria, aliando dados governamentais àqueles colhidos na imprensa e por meio de contato direto com as empresas. A publicação teve ainda apoio do escritório brasileiro do Conselho Chinês para Promoção do Comércio Internacional (CCPIT, na sigla em inglês).



Embaixadora Maria Luiza Viotti (MRE), Luiz Augusto de Castro Neves (CEBC), Ministra-conselheira Xia Xiaoling (Embaixada da China no Brasil), Marcia Nejaim (Apex-Brasil)



Ministra-conselheira Xia Xiaoling (Embaixada da China no Brasil)

Na abertura, o presidente do CEBC, embaixador Luiz Augusto Castro Neves, reforçou o fato de a China ser o maior parceiro comercial brasileiro, mas enfatizou que a relação bilateral não é devotada somente ao comércio, mas a uma parceria que indica associação de longo prazo, como mostram os investimentos. Há aportes em setores tão diversos quanto energia e finanças, além de tecnologia, em 16 estados brasileiros - o que demonstra também a tendência de diversificação geográfica verificada no biênio anterior.



Santiago Bustelo (CEBC)



Santiago Bustelo (CEBC), Daniel Covre (Itaú BBA), Tulio Cariello (CEBC)

O coordenador da pesquisa, Santiago Bustelo, destacou um ponto fundamental no perfil do investimento chinês percebido entre 2014-2015: 80% dos investimentos anunciados foram realizados - percentual semelhante ao verificado entre 2012-2013 - e um salto consistente ante os 45% efetivamente realizados entre 2007 e 2011, segundo o CEBC. É um registro de que há mais maturidade no perfil dos investidores, que já conhecem melhor o mercado brasileiro e as oportunidades no País.

O diretor-executivo para a Ásia do Eurasia Group, Evan Medeiros, que já atuou como conselheiro para Ásia-Pacífico no Conselho Nacional de Segurança, ligado à Casa Branca, durante o governo Obama, foi um dos palestrantes no lançamento da pesquisa. Medeiros designou o momento atual como a terceira onda da contribuição chinesa para a globalização, em que o Investimento Direto Estrangeiro (IDE) tem papel preponderante - o primeiro movimento foi a abertura da China à atração de empresas estrangeiras, e o segundo, a integração às cadeias globais de valor.

Medeiros destaca o montante de IDE chinês como uma estratégia geopolítica: US\$ 118 bilhões em 2015, número já suplantado nos primeiros nove meses deste ano, quando o IDE chegou a US\$ 134,2 bilhões. A cifra representa cerca de 1% do PIB chinês, enquanto os Estados Unidos e o Japão utilizam 2%. Para Medeiros, este é um indicativo de que o dinheiro disponível para fusões e aquisições ou para projetos *greenfield* - tendências do padrão de *ownership* chinês detectadas pelo executivo - deve aumentar, e a América Latina está no radar de Pequim, o que fica evidente dado o número expressivo de visitas de alto nível à região, como a do presidente Xi Jinping, em outubro, ao Equador, Peru e Chile, no terceiro périplo latino-americano desde que assumiu, em 2014 (Xi esteve no Brasil naquele ano, enquanto o primeiro-ministro, Li Keqiang, visitou Brasília e Rio de Janeiro em 2015).

Medeiros alerta, no entanto, que é preciso uma política consistente do Brasil na atração dos investimentos, especialmente em um momento em que a economia está frágil.



Evan Medeiros (Eurasia Group), Marcio Senne de Moraes (Vale), Fabiana D'Adri (Bradesco/CEBC)



Evan Medeiros (Eurasia Group)

O presidente do CEBC não atribui o apetite chinês à fase atual da economia brasileira. Para ele, a percepção de que a China é um investidor importante para o Brasil, país que hoje precisa de aportes em infraestrutura para ser mais competitivo e entrar na economia internacional de forma mais assertiva, evidencia uma parceria de longo prazo, que não se sustenta apenas em um movimento ao sabor de conjunturas econômicas.

O CEBC mostra que a conjuntura tem seu peso. A recuperação observada em 2015 se deve, em parte, à desvalorização do Real, que tornou os ativos brasileiros mais atrativos para os investidores estrangeiros. Mas atestando a fala de Castro Neves, o estudo mostra que parte considerável dos projetos de investimento confirmados no biênio 2014-2015 corresponde a leilões públicos para a geração e transmissão de energia elétrica, projetos caracterizados por um alto montante a ser investido e prazos relativamente longos de maturação.

O Brasil, no entanto, pode experimentar em breve uma nova matriz de investimentos chineses, baseada na compra de marcas estrangeiras, num movimento que visa internalizar não só a reputação destas marcas, mas também a tecnologia, como mostrou a economista Fabiana D'Atri, diretora de economia do CEBC.



Auro Pagnozzi (ICBC Brasil), Zhang Guanghua (Bank of China Brazil), Luiz Augusto de Castro Neves (CEBC), Sérgio Quadros (Dakang), Reinaldo Ma (TozziniFreire Advogados)

Clique na imagem abaixo para acessar a filmagem do evento



Abertura e Painel 1 - Lançamento da Pesquisa: Investimentos Chineses no Brasil (2014-2015)

Acesse a pesquisa na íntegra:



Versão em Português



Versão em Mandarim